

A fúria dos ventos

CICLONE ATINGE SUL DE SC E NORTE DO RS, DEIXA UM MORTO E 12 DESAPARECIDOS

CLAUDIO SILVA/DC/PASSO DE TORRES



PÂNICO: 20 mil casas foram atingidas pelo vento, que chegou a 150 quilômetros por hora, em 40 cidades catarinenses

Estado e prefeituras apuram os prejuízos

O governador Luiz Henrique acompanhou, durante o dia, os trabalhos de recuperação e levantamentos dos estragos. À noite, pediu aos prefeitos um detalhamento da situação para a busca de recursos. Juarez Bernardes (foto) perdeu o carro sob um muro em Araranguá.



ULISSES JOB/DC/CRICIÚMA

Após o susto, surge a solidariedade

Milhares de famílias foram desabrigadas pelo ciclone na madrugada de domingo. Em Criciúma, uma das áreas mais atingidas foi o bairro Paraíso (foto). A Assembléia Legislativa e as prefeituras iniciaram campanhas para recolher doativos e auxiliar os flagelados.

COBERTURA COMPLETA NAS PÁGINAS QUATRO A 11



FÚRIA: Ventos de até 150 quilômetros por hora tombaram árvores e destelharam propriedades como esta em Passo de Torres, um dos municípios mais atingidos no Sul do Estado

Madrugada de pânico no Estado

A população catarinense foi tomada pelo horror e pelo medo, já nas primeiras horas do domingo, quando ventos de até 150 quilômetros por hora e chuva forte atingiram as cidades do Litoral Sul

Passavam poucos minutos do início da madrugada de domingo quando o vento começou. A chuva intensa veio logo depois. De repente, o que parecia ser mais uma tempestade tropical transformou-se em terror e incredulidade. Ventos de até 150 quilômetros por hora destruíam impiedosamente tudo o que vinha pela frente no Litoral Sul de Santa Catarina.

Casas, árvores, postes de luz e muros pareciam feitos de papelão. "Eu só tinha visto coisa parecida no cinema", disse Zeferrino dos Santos, de Içara, sem entender muito bem que fenômeno foi esse que atingiu a sua casa e mais 20 mil residências no Estado e em Torres, no Rio Grande do Sul. Uma pessoa morreu e outras 12, vítimas de dois naufrágios, continuam desaparecidas.

Furacão ou ciclone extratropical? Os especialistas em fenômenos naturais têm opiniões divergentes sobre o nome. Seja o que for, o certo é nunca se viu coisa igual em toda a América do Sul. Os primeiros avisos da aproximação do ciclone chegaram sexta-feira, dando tempo para o governo do Estado montar um plano de emergência. Mas estar preparado, neste caso, adiantou muito pouco. O ciclone deixou um rastro de destruição por onde passou, em um trecho de 80 quilômetros entre Araranguá, em Santa Catarina, e Torres, no Rio Grande do Sul. Ao todo 40 municípios foram atingidos, sendo que 23 prefeitos decretaram estado de emergência. Maracajá, Balneário

Os números

Os ventos atingiram **150 km/h**

Uma pessoa morreu em SC

Em Santa Catarina, **40** cidades foram atingidas

15 cidades ficaram sem luz

No total, **20 mil** casas foram atingidas

Até ontem à noite, **23** municípios haviam decretado estado de emergência

1000 postes caíram

200 transformadores estouraram

11 mil residências ficaram sem telefone

Em Criciúma, **300** famílias estão desalojadas, **30** casas ficaram totalmente destruídas; **30** foram atingidas, **30** pessoas ficaram feridas

Em Sombrio, **400** pessoas estão desabrigadas

Em Araranguá, **500** casas foram danificadas

Em Torres, **350** pessoas estão em abrigos e **300** casas foram atingidas

Dois barcos afundaram e **12** tripulantes estavam desaparecidos até ontem

Seis pescadores estão desaparecidos em Araranguá

Em Torres, **300** casas foram destruídas e **80** famílias estão desabrigadas

Cerca de **50** árvores tombaram sobre a pista da BR-101, entre Criciúma e Araranguá.

Houve congestionamentos de **30 km** na rodovia

Fonte: Climerh, Defesa Civil, PRF, Celesc e prefeituras

Gaivota, Sombrio, Araranguá e Arroio do Silva foram as cidades mais castigadas.

Ondas de até cinco metros de altura assustaram quem mora próximo ao mar. A BR-101 ficou interrompida por mais de 14 horas entre Criciúma e Passo de Torres devido à queda de dezenas de árvores e *outdoors* na pista. A interrupção causou congestionamento de cerca de 30 quilômetros. Ontem a noite, 15 municípios catarinenses permaneciam sem energia elétrica, com

problemas no fornecimento de água e sem telefone.

O governador Luiz Henrique da Silveira e o vice, Eduardo Pinho Moreira, sobrevoaram a região de helicóptero. Depois, reuniram-se com os prefeitos do Sul em Araranguá para uma primeira avaliação dos prejuízos. O temporal provocou perdas ainda não calculadas à agricultura do Sul do Estado. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva determinou que fossem tomadas "medidas

rápidas" para ajudar a população. Hoje, o governo entregará nos dois estados remédios e cestas básicas.

Árvore cai sobre carro e causa morte do motorista

Uma árvore arrancada pelo vento caiu sobre um automóvel em Maracajá, matando o motorista, Édson Lourenço Quirino, 42 anos. Sua mulher e a filha de sete anos, que estavam com ele no veículo, ficaram feridas. Uma segunda vítima teria morrido em Torres, mas a informação não foi confirmada pela Defesa Civil gaúcha.

A violência do ciclone no mar provocou dois naufrágios. A embarcação Valio 2, de Passo de Torres, afundou próximo ao Farol de Santa Marta, em Laguna, com seis tripulantes. Um deles, Luciano da Silva, de Itapema, foi resgatado às 8h30min de domingo, por outro barco de pesca. Ele estava com colete salva-vidas e conseguiu se segurar no barco, nadando contra as ondas.

Um segundo barco, chamado Antônio Venâncio, de Itajaí, sucumbiu à força das ondas na mesma região, com sete pescadores à bordo. Os dois pesqueiros já estavam em alto-mar há mais de uma semana e não tiveram tempo de voltar à costa. Outras três embarcações que sofreram avarias, segundo a Guarda Costeira de Itajaí, estão à deriva e deverão ser resgatadas a partir de hoje.

Uma aeronave P-95 da Força Aérea Brasileira, um navio da Marinha, um helicóptero e outras embarcações continuarão hoje as buscas na região.

De cima, caos cresce

Vôo na área atingida pelo ciclone revela o cenário desolador que restou no Litoral Sul de Santa Catarina, horas após os fortes ventos terem varrido a região

▼ PASSO DE TORRES

Do alto é possível ver que foi Passo de Torres, o último pedaço de chão catarinense, já na divisa com o Rio Grande do Sul, o território mais castigado pela fúria do ciclone extratropical. Os ventos de até 150 quilômetros por hora fizeram voar casas inteiras.

Algumas arrancadas dos alicerces como se fossem simplesmente encaixadas. Outras, retorcidas igual a uma mangueira. O cenário desolador se espalha por outras cidades, como Arroio do Silva e Balneário Gaivotas.

Telhados, muros, paredes vieram abaixo, como peças frágeis. Árvores foram arrancadas com a raiz. Matas de eucaliptos sucumbiram. O vento, naturalmente, com sua força, abriu picadas. Postes de luz desabaram, enquanto transformadores cederam à força das rajadas. Antenas parabólicas foram arremessadas à distância.

O cenário desolador mostra que o ciclone não poupou ricos nem pobres. Casas mais sofisticadas perderam seus telhados coloridos, piscinas foram inundadas e jardins destruídos. Moradias simples de madeira tiveram tábuas arrancadas. O zinco da cobertura de galpões voou como papel.

O comércio também foi atingido. Mercados, postos de gasolina,



FOTOS CLAUDIO SILVA/DC/PASSO DE TORRES

VISTORIA: Morador de Passo de Torres, na casa à esquerda, utiliza escada para avaliar estragos no telhado

padarias, oficinas mecânicas sofreram os efeitos do ciclone.

Fiação elétrica e rede de água estão comprometidas

Alguns estabelecimentos devem permanecer fechados. A fiação elétrica e a rede de água tam-

bém estão comprometidas.

Alguns moradores começaram a reconstrução de suas casas ontem. Podiam ser vistos sobre os telhados e erguendo paredes. Para os que têm moradias de veraneio, o problema pode ainda não ter sido dimensionado. Mas a maioria

das cidades parecia um pouco fantasma. Poucas pessoas estavam nas ruas. Informados pela imprensa sobre o fenômeno, muitos moradores deixaram suas cidades e se refugiaram na casa de parentes e amigos. A decisão pode ter evitado uma tragédia ainda maior.

"Vi outros desastres, mas nada tão extenso"

"Nunca vi algo tão intenso e com abrangência em uma área tão extensa", diz o piloto do helicóptero Esquilo, Etevan Geraldo Fonseca, responsável pelo sobrevôo da reportagem do *Diário Catarinense* sobre a área mais atingida pelo ciclone. Com 4 mil horas de vôo, o ex-policia militar de Minas Gerais trabalhou na cobertura de enchentes e desmoronamentos. "Mas era tudo localizado", recorda.

O Esquilo voou a cerca de 500 pés, o equivalente a 150 metros de altura. Partiu do hangar da empresa Super Jet, ao lado da Base Aérea de Florianópolis, pouco depois das 13h de ontem em direção ao Litoral Sul de Santa Catarina. A visibilidade é boa, avaliou o comandante.

De Florianópolis até a divisa com o Rio Grande do Sul não se viu pescadores. A viagem durou cerca de quatro horas. Alertados pela Guarda Costeira de Itajaí, pesqueiros atracaram antes do planejado. Um único navio de grande porte aguardava para entrar no Porto de Imbituba.

Os primeiros efeitos da passa-



DESTRUIÇÃO: Em Passo de Torres, o telhado da casa desapareceu após a passagem devastadora do ciclone

gem do ciclone surgiram nas praias de Jaguaruna, entre Laguna e Araranguá. Uma forte ressaca invadia o recorte do mar. A água chegou até as dunas. Nos ares, as conseqüências do fenômeno chegavam pelo rádio da aeronave.

Vários aviões encontravam-se em missão de defesa civil na re-

gião. Os barcos desaparecidos eram procurados por aviões e helicópteros da Força Aérea Brasileira (FAB), além das aeronaves que estavam a serviço do governo do Estado de Santa Catarina.

Pela previsão da meteorologia não havia riscos de o fenômeno se repetir, mas o vento forte trouxe um pouco de preocupação ao

comandante do Esquilo. Além de atrasar a viagem de volta à Capital depois de ser reabastecido no Aeroporto Diomício Freitas, em Forquilha, o helicóptero da Super Jet enfrentou ventos de cerca de 30 quilômetros por hora. "Se a 30 quilômetros já sentimos isso, imagine os efeitos a 150 quilômetros por hora", alertou o piloto.

Passo a passo

■ Quarta-feira

Meteorologistas identificam um sistema de baixa pressão se aproximando da costa brasileira

■ Quinta-feira

Meteorologistas percebem que o fenômeno ganha força e que avança para o Sul. Surgem os primeiros sinais "do olho" (buraco negro), ao estilo ciclone

■ Sexta-feira

Antes das 10h, o Climerh aciona a Defesa Civil para avisar da aproximação do fenômeno na costa de Santa Catarina e alerta sobre os cuidados que a população deveria ter

Às 23h, o governador Luiz Henrique da Silveira lidera reunião com equipes do governo, como polícia e bombeiros. A ordem é ficar em alerta

■ Sábado

Às 8h, os meteorologistas percebem a aproximação do ciclone. Se aproximava a 50 quilômetros por hora. Havia o risco de atingir a região que vai da Capital até a divisa com o Rio Grande do Sul. A previsão era que chegasse ao Litoral depois das 12h

Às 10h, a Polícia Militar coloca toda a corporação em alerta. Nenhum policial poderia sair da cidade em que reside e trabalha. Horas depois, os meteorologistas informaram que o ciclone atingiria as cidades localizadas entre Araranguá e Torres (RS) e que a Ilha de Santa Catarina estava, definitivamente, fora de sua rota

■ Domingo

0h30min. Nas cidades litorâneas do Sul, o tempo começa a mudar. Venta forte e começa um princípio de ressaca mais forte no mar. Alguns moradores tentam sair de casa, mas galhos de árvores e chuva forte em alguns pontos impedem o tráfego

2h. Os ventos se intensificam, a chuva aumenta e se inicia a série de destruição. As cidades mais atingidas são Sombrio, Araranguá, Balneário Gaivotas, Arroio do Silva e Passo de Torres. As equipes de plantão começam a dar suporte às famílias, mas têm dificuldade porque não há energia elétrica nem abastecimento de água em algumas cidades

5h. A intensidade do vento começa a diminuir. Famílias que passaram a noite em claro começam a avaliar os prejuízos. Os meteorologistas informam que o ciclone está se afastando da costa

SEQUE →

Fonte: Climerh, Defesa Civil e governo do Estado

Havia plano de evacuação

Sugestão do governo federal foi abandonada às 19h de sábado, quando o ciclone perdeu força

▼ CRICIÚMA

O governador Luiz Henrique da Silveira esteve reunido, ontem à noite, com os prefeitos do Sul do Estado e fez uma revelação: um plano de evacuação em massa das cidades do Litoral Sul, a começar por Laguna, foi pensado com a proximidade do ciclone da costa catarinense.

A sugestão, que partiu do governo federal, através do ministro da Integração Nacional, Ciro Gomes, foi abandonada às 19h, com o registro de perda de força do ciclone. "O que aconteceu foi apenas 2% do que poderia acontecer", disse Luiz Henrique, ao lembrar vagalhões formados no oceano que se transformam em ondas gigantes (tsunamis) e provocam o desaparecimento de cidades inteiras.

O governador solicitou dos prefeitos relatórios precisos sobre a situação dos municípios atingidos para de buscar recursos junto ao governo federal. Os recursos para a recuperação das casas danificadas pode-

rão ser oriundos do FGTS. "Mas para isso, deverá ser anexada uma ficha individual detalhada", destacou.

Agricultores poderão ter financiamento prorrogado

Luiz Henrique ainda irá solicitar a prorrogação de financiamentos que estão por vencer, no caso de empresas e agricultores atingidos pelo ciclone. O governador pediu também um relatório sobre o patrimônio público destruído.

Ao final do encontro, Luiz Henrique recebeu telefonema do ministro das Cidades, Olívio Dutra, e relatou o problema. "Nossa situação é dramática. Temos mais de 120 cidades em situação de emergência por causa da estiagem e do granizo e agora acontece esse ciclone", disse.

O deputado federal Jorge Boeira declarou ter feito contatos com o Ministério da Integração Nacional, junto com a senadora Ideli Salvatti, para solicitar agilidade no repasse de recursos, a maior reivindicação dos prefeitos presentes.



PERDA: Governo diz que a destruição foi equivalente a 2% do que poderia ter ocorrido

A ASCOP/SC comunica aos profissionais registrados aos Conselhos Regionais abaixo, que o prazo para pagamento da anuidade de 2004, sem multa, encerra-se em 31 de março. Procure seu Conselho para mais informações. Movimento dos Conselhos Associados: em defesa da Sociedade Catarinense.

Conselhos Regionais de:

- . Administração
- . Biblioteconomia
- . Contabilidade
- . Corretores de Imóveis
- . Economia
- . Educação Física
- . Enfermagem
- . Farmácia
- . Engenharia Arquitetura e Agronomia
- . Fisioterapia e Terapia Ocupacional
- . Medicina
- . Medicina Veterinária
- . Representantes Comerciais
- . Serviço Social
- . Odontologia
- . Química
- . Ordem dos Advogados do Brasil



Pescadores desaparecidos

▼ AGÊNCIA RBS/PORTO BELO

O ciclone afetou a vida de famílias de Porto Belo e de Itajaí. Duas embarcações, com tripulação formada por pescadores dos dois municípios, naufragaram na altura da Laje do Campo Bom, a 12 quilômetros da costa de Laguna, no Sul do Estado.

Os pesqueiros Valio II e Antônio Venâncio já estavam em alto-mar há mais de uma semana e não tiveram tempo de voltar à costa. Um pescador foi encontrado com vida, na manhã de ontem, por outra embarcação pesqueira, acionada para auxiliar nas buscas. Doze pessoas estavam desaparecidas até o fechamento desta edição.

A família do mestre-de-barco Valdomiro Senna, de 27 anos, fez o último contato com o barco Antônio Venâncio às 16h de sábado. "Temos radioamador em casa, e vínhamos fazendo conversações constantes", conta a mulher do pescador, Jocirene Jocelina da Silva, 27 anos. Ela disse que a tripulação sabia dos riscos e já havia sido informada que o ciclone atingiria a região onde pescavam corvinas. "Eles estavam preocupados e fiquei de fazer um novo contato às 19h, já sem sucesso", relembra.

O naufrágio dos dois barcos foi confirmado pelo Serviço de Salvamento Marítimo do 5º Distrito Naval (Salvamar-Sul). As buscas foram iniciadas após ter sido interceptado um pedido de socorro de barcos no rádio do Farol de Santa Marta, na madrugada. "As embarcações Valio II e Antônio

RONALDO SILVA JR./AGÊNCIA RBS/DC/PORTO BELO



RÁDIO: Jocirene tentou contato, mas marido não respondeu

Venâncio, com seis e sete tripulantes, respectivamente, afundaram ao Sul do Cabo de Santa Marta, em virtude do mau tempo", disse a oficial de relações públicas do serviço, tenente Luciana Beckert Zappellini.

Um deles foi resgatado de manhã

Além de pesqueiros que navegam pelo local, foram acionados para ajudar no resgate o navio-patrolha Benevente e a corveta imperial Marinheiro, ambos do Grupamento Naval Sul, uma aeronave do 5º Esquadrão de Helicópteros de Emprego Geral, que se deslocou ontem à tarde de Porto Alegre (RS) para Criciúma, de onde partiu para as buscas; e uma aeronave P-95 B, da Força Aérea Brasileira.

Luciano da Silva, do Valio II, foi resgatado com vida às 10h25min de ontem, pelo barco pesqueiro Rocha IV. Ele foi levado para Laguna, onde passou por avaliação médica.

O drama dos atingidos



FOTOS ULISSES JOB/DC/ARARANGUÁ

Industrial registra os danos em Araranguá

O industrial gaúcho Paulo Ferreira, 48 anos, saiu pelas ruas de Araranguá às 7h para registrar com uma filmadora digital os danos provocados pelo ciclone.

Residente há oito anos em Araranguá, Paulo estava assombrado com os estragos provocados pelos fortes ventos da madrugada. "Em situações como essa, as obras feitas pelo homem dificilmente conseguem conter a força da natureza", avalia.



Criciumense perde carro soterrado por muro

O motorista de ônibus residente em Criciúma, Juarez Abel Bernardes, teve uma surpresa ontem pela manhã. O Fiat Uno, ano 1994, que estava na garagem do edifício, foi soterrado por um muro. "O carro vale R\$ 9,7 mil e eu ainda estou pagando", lamentou. Juarez tinha estacionado o veículo em frente ao edifício, mas resolveu colocar na garagem após a queda de um cinamomo. Minutos depois, o muro caiu e destruiu outro carro e uma moto.



Árvores caídas paralisam o tráfego

O caminhoneiro Rodrigo de Freitas, 23 anos, saiu de Florianópolis às 6h sem desconfiar dos estragos provocados pelo ciclone ao longo do trecho não-duplicado da BR-101. Quando o Mercedes-Benz carregado de material de limpeza chegou ao limite dos municípios de Maracajá com Araranguá, Rodrigo se deparou com uma fila quilométrica. Os veículos aguardavam a retirada de dezenas de eucaliptos que caíram sobre a rodovia.



Cobertura de posto desaba em duas etapas

A cobertura do posto de combustíveis Mazzuco II, no quilômetro 403 da BR-101, não resistiu aos ventos provocados pelo ciclone da madrugada de domingo e desabou parcialmente às 3h30min. Os caminhões que estavam estacionados embaixo da cobertura haviam sido retirados algumas horas antes.

De acordo com o gerente administrativo do posto, Manoel Correia Sabino, os danos provocaram um prejuízo de R\$ 45 mil. "Isso aconteceu no segundo tempo do vento", relatou Manoel, para explicar que os danos foram provocados em duas etapas do fenômeno natural.



ULISSES JOB/DC/IÇARA

Veranista confere prejuízos em chalé

O veranista Clóvis Vilatore e o neto Rafael foram conferir os danos em um chalé localizado na zona sul do Balneário Rincão, onde costumam passar o Verão. O telhado foi parcialmente destruído e provocou alagamento em todas as peças. "Acho que foi uma das residências de veraneio que mais ficaram danificadas", lamentou Vilatore.

Dona de casa precisou buscar um novo refúgio

A dona de casa Albertina Inácio Amancio, 41 anos, levou um susto às 2h30min de ontem, na zona sul do Balneário Rincão, em Içara. Refugiada na casa da mãe com o filho Natanael e mais nove pessoas, Albertina ouviu um barulho forte e achou que a casa de madeira onde mora havia ruído. No interior da residência de cinco peças, estava o marido, Natal Roque, 41 anos, que abandonou o local após o destelhamento. "Ficou tudo molhado. A água escorria das minhas roupas no armário", contou. O único objeto salvo foi uma televisão que havia sido levada para a casa da mãe. "Nós já não temos nada e agora perdemos o que tínhamos", afirmou Albertina. **SEGUE →**



ULISSES JOB/DC/IÇARA

Mobilização envolve comunidade

Devastação provocada pelo fenômeno natural no Sul fez com que várias instituições ajudassem a amenizar prejuízos às famílias, agricultura, educação e a falta de energia elétrica, entre outros

RODOVIAS

Na BR-101, 50 árvores caíram na pista, parando o tráfego em Criciúma e entre Araranguá e Passo de Torres. O congestionamento se estendeu por 30 quilômetros nos dois sentidos da BR-101.

FALTA DE LUZ

A Celesc informou que 15 cidades ficaram sem luz. A estatal estimou em mil os postes caídos ou danificados. Cerca de 200 transformadores explodiram. A Celesc prevê dois dias para a situação se normalizar.

DONATIVOS

A Assembléia Legislativa de Santa Catarina iniciou uma campanha de arrecadação de donativos para distribuir aos atingidos pelo ciclone. As doações podem ser levadas à sede da AL, no Centro da Capital. O coordenador da campanha, Fernando Damasio, disse que qualquer doação é bem-vinda, principalmente roupas, colchões, cobertores e alimentos não-percíveis.

NAUFRÁGIO

A Guarda Costeira de Itajaí informou que o barco Valio 2, de Passo de Torres, naufragou em Laguna com seis pessoas. O tripulante Luciano da Silva foi resgatado perto de Laguna. O barco Antônio Venâncio, de Itajaí, também naufragou com seis pessoas. O barco Santa Maria 21, de Santos (SP), pediu socorro porque o motor falhou em alto-mar. Marinha e pescadores catarinenses seriam escalados para fazer o resgate. O Barco Santa Maria 23, de Santos (SP), e o Santa Rosa, de procedência desconhecida, foram danificados, mas não afundaram.

FAB

Aeronave da Força Aérea Brasileira decolou ontem às 14h30min da Base Aérea de Florianópolis, no Sul da Ilha, em busca de duas embarcações desaparecidas, uma com sete tripulantes e outra com quatro.

POLÍCIA MILITAR

Pelo menos 600 homens da PM trabalharam ontem para atender os atingidos.



ULISSES JOB/DC/CRICIÚMA

DESTRUIÇÃO: Em Criciúma, árvores caíram destruindo casas, carros e redes elétricas

Cinquenta soldados do Corpo de Bombeiros das cidades próximas e de outras regiões foram enviados. Hoje, será deslocada uma equipe da Grande Florianópolis.

DEFESA CIVIL

O major José Mendonça, da Defesa Civil, disse que "cem casas do Sul do Estado foram destruídas e milhares danificadas". As cidades mais atingidas foram Maracajá, Balneário de Gaivota, Sombrio, Araranguá e Arroio do Silva.

SERVIÇOS

Sem abastecimento elétrico, algumas cidades do Sul ficaram sem água tratada e telefonia móvel. Equipes da Celesc foram enviadas para agilizar o reabastecimento.

GOVERNADOR

O governador Luiz Henrique da Silveira se reuniu ontem em Criciúma com prefeitos do Sul para discutir formas de apoio aos desabrigados. Ele e o vice-governador sobrevoaram a área atingida.

RECURSOS

O deputado federal Leodegar Tiscoski prometeu fazer contato com a bancada de Santa Catarina, no Congresso, para tentar extrair recursos da União para os desabrigados do Sul do Estado.

AGRICULTURA

Os produtores de arroz foram os mais prejudicados. O Sul é o maior produtor catarinense. Em Turvo e Meleiro, poucas plantações resistiram ao ciclone. Dezenas de aviários estão sem luz e água. A produção de fumo também foi atingida.

APOIO

O Sindicato dos Policiais Federais vai colocar à disposição da Defesa Civil do Estado os filiados em greve por causa dos salários. O sindicato informou que irá suspender a Operação Padrão nos aeroportos para aumentar o número de voluntários.

EM APUROS

O deputado estadual Manoel Motta estava em Balneário Arroio do Silva com a família na hora do ciclone. Ele disse ter saído às pressas da cidade, onde tem casa de praia, depois que "o mar começou a crescer" e a chegar muito próximo das casas. Na saída da cidade, um dos carros da família "quase foi atingido" por árvore.

MARACAJÁ

O prefeito Antenor Rocha decretou estado de emergência. A prefeitura estimou em 300 desabrigados e 400 casas atingidas, inclusive centros de saúde e escolas. Hoje não haverá aula na rede pública municipal.

LAGUNA

Seis famílias foram alojadas no Ginásio da Vila Vitória. No Farol de Santa Marta, os estragos foram pequenos.

NOME

O Centro Americano de Previsão de Furacões batizou o ciclone que atingiu Santa Catarina de 1AlfaT. O nome segue escala seqüencial (o próximo se chamaria 2AlfaT) e serve para guiar o mapeamento. O Climerh o batizou de Catarina porque no século passado era tradição batizar esse tipo de fenômeno com nomes femininos.

AULAS

Várias escolas não terão aula hoje. Em Içara, os estudantes estão dispensados pelo menos quatro. As prefeituras recomendam aos pais telefonarem antes de mandar os filhos para a aula. A Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), de Criciúma, também suspendeu as atividades hoje. Apenas os funcionários trabalharão no conserto dos estragos.

SOLIDARIEDADE

Todos os municípios atingidos já iniciaram campanhas de doação de roupas, móveis e alimentos não-percíveis. Roupas infantis, fraldas descartáveis, colchões, telhas e lonas são as necessidades prioritárias. Em Criciúma, as doações devem ser encaminhadas à Casa da Solidariedade, localizada na Rua Henrique Lage. Os comitês do Programa Fome Zero estão mobilizados.

TELEFONE

O serviço de telefonia ainda não havia sido restabelecido em alguns municípios do Extremo-sul até ontem à noite. Antenas de telefonia fixa e móvel foram danificadas pelo vento e conserto levará uma semana.

ENCHENTE

Em Criciúma choveu 150 milímetros em poucas horas. Nenhum rio transbordou. Só alagamentos de ruas e terrenos urbanos. Como a chuva na Serra não se acentuou, o risco de enchentes está descartado.



Difícil acreditar no que ocorria

"A noite no Rincão foi de terror. Eu sou cardíaco e achei que iria morrer de pânico", disse Zeferino dos Santos, 51 anos, enquanto reconstruía o telhado de sua casa, a uma quadra do mar. "A gente não acreditava no que estava acontecendo. Só tinha visto coisa parecida em filme americano. As árvores foram arrancadas do chão e, em poucos minutos, começou a chuva. Para completar, faltou luz. Não dá nem para descrever o que sentimos. A única coisa que pensei foi em proteger minha mulher e as duas crianças."



FOTOS DANIEL CONZI/DC/IÇARA

Solidariedade entre vizinhos

Olívio Cenever, 60 anos, foi ajudar a filha Maria Cenever da Silva, mãe de duas crianças e esperando outro bebê, a reconstruir o telhado da casa, em Rincão. "A gente sabia que ia ventar, mas não acreditava que seria tão horrível", disse Olívio, que passou o dia consertando o telhado junto com outros vizinhos, que também foram solidários com a família. "Tivemos que sair. Os móveis, que nem estavam pagos, foram perdidos."

População enfrenta madrugada de pânico

Centenas de pessoas utilizaram as rádios para pedir socorro e informações sobre parentes

▼ CRICIÚMA

Criciúma, 5h30min. A tempestade ainda castigava a região e o maior município do Sul era um dos poucos que ainda tinha energia elétrica, que ao longo do dia também faltou. No Centro, o único barulho que se ouvia nas ruas - além do vento - era de sirenes dos bombeiros e da polícia. A população em pânico permanecia insone e contava apenas com o rádio de pilha para acompanhar a destruição causada pelo ciclone.

As três rádios AM de Criciúma - Eldorado, Difusora e Hulha Negra - colocavam no ar relatos dramáticos de moradores que lutavam contra a força do ciclone. Onde as linhas telefônicas ainda funcionavam, ouvintes pediam informações sobre a tempestade, a

situação dos parentes, o retorno da luz ou ligavam para relatar os estragos. Poucos foram os que conseguiram dormir.

As ligações partiam dos mais diferentes lugares. O locutor João Luiz Cardoso, da Eldorado, tentava acalmar as famílias e chamava os ouvintes de repórteres.

Sem condições de colocar suas equipes nas ruas, as rádios prestavam serviços de utilidade pública com as informações fornecidas pelas vítimas. A tempestade já durava quatro horas.

Um jovem que navegava na Internet, em Boston, nos Estados Unidos, telefonou para uma das estações para saber sobre a família que mora em Sombrio. Uma senhora de Torres (RS) desistiu de tentar controlar a água que entrava em sua casa e ficou mais de uma hora no telefone até conse-

guir ligação. Ela queria reclamar da falta de orientação aos moradores do Norte gaúcho, que foram surpreendidos pelo ciclone.

Mulher se protegeu dentro do guarda-roupa

A maioria dos depoimentos era de relatos dos prejuízos, além de pedidos de socorro. Uma mulher de Criciúma temia pelo irmão, que mora sozinho numa casa na localidade Barra Velha, em Içara, perto do mar. Ele estava doente e a residência havia sido destelhada pelo vento. "Alguém faça alguma coisa", implorava a mulher.

Os relatos eram dramáticos - como o de uma senhora que se refugiou dentro do guarda-roupa após a vento arrancar o telhado da casa e o de um homem que via pela janela uma árvore inclinada sobre sua residência.



ULISSES JOB/DC/CRICIÚMA

OCORRÊNCIAS: Força do vento arrancou árvores e danos na rede elétrica causaram falta de luz em bairros



ULISSES JOB/DC/CRICIÚMA

DESABAMENTO: Ventania fez o teto da Elétrica Armelindo despencar sobre os veículos estacionados

Cidades atingidas

CLAUDIO SILVA/DC/PASSO DE TORRES



FORÇA: Ventania virou casa que ficou com os alicerces para cima

Criciúma - 300 famílias estão desalojadas. Queda de árvores e de postes causaram falta de energia elétrica em alguns bairros. Dezenas de casas foram destelhadas e houve alagamentos na periferia

Içara - O vento destruiu casas, muros e coberturas de postos de combustível. Quatro escolas cancelaram as aulas hoje. Ainda faltavam água e energia elétrica em vários bairros

Araranguá - Danos em prédios comerciais. Na praça central, árvores centenárias foram derrubadas. Falta de água e de energia elétrica

Siderópolis - Aviários e residências foram descobertos, mas não há desabrigados

Sombrio - Destelhamentos e queda de árvores em vários bairros

Passo de Torres - O município foi fortemente castigado. A ressaca afugentou os moradores da orla

Santa Rosa do Sul - Queda de árvores e destelhamentos. O município ficou isolado durante a manhã com o fechamento da BR-101

Forquilha - Empresas tiveram prejuízos com destelhamentos. Plantações de milho e arroz ficaram destruídas

Meleiro - As maiores perdas foram nas lavouras de milho e arroz

Nova Veneza - Empresas e residências ficaram descobertas. Houve perdas nos aviários devida à falta de luz

Arroio do Silva - Poucas placas de outdoor resistiram. Mais de cem ocorrências foram atendidas pelos bombeiros

Balneário Gaivota - Quase todas as casas próximas da praia ficaram danificadas

Jaguaruna - O vento atingiu principalmente o Balneário Esplanada.

Muitos moradores abandonaram as casas durante a madrugada

Turvo - Perdas nas lavouras de arroz

Fonte: Climerh, Defesa Civil, PRF, Celesc e prefeituras

Sábado de apreensão no Sul

▼ IÇARA

O clima de apreensão predominou no Sul do Estado no sábado. O anúncio da chegada de um ciclone deixou a população em estado de alerta.

O sábado amanheceu nublado, mas no início da tarde se formou uma espessa camada de nuvens negras sobre o oceano.

De acordo com o meteorologista da Epagri, Marcio Sônego, às 15h, o ciclone extratropical estava a 100 quilômetros do Litoral Sul catarinense. Os pescadores recolheram as embarcações para dentro dos ranchos.

A maré subiu rápido e o forte vento sudoeste formou ondas al-

tas. Havia dados contraditórios do fenômeno, inédito na América do Sul. Um navio em alto-mar registrou ventos de até 170 quilômetros por hora, o que classificaria o fenômeno como furacão nível 2. Já o Instituto de Meteorologia da Marinha Norte-Americana constatou ventos de no máximo 70 quilômetros por hora.

Conforme o boletim das 18h30min, o ciclone estava a 50 quilômetros da costa, com o núcleo alinhado para o município de Torres (RS). O comerciante Juarez Rezin, 34 anos, morador de Balneário Rincão, foi até a beira-mar para tentar entender o fenômeno. "Vim dar uma olhadinha. Tomara que não aconteça nada", declarou. **SEGUE →**

Faltou telha no comércio

O bom tempo registrado na maioria dos municípios do Sul, na tarde de ontem, propiciou o início imediato dos reparos nos telhados e a limpeza das residências atingidas pelo ciclone



DIVERSÃO: Alheio ao caos, o Gustavo brinca na água

▼ IÇARA

No município de Içara, o domingo, com sol em boa parte do período, foi dia de reconstrução. Por volta das 12h não havia mais telhas à venda nas lojas de Balneário Rincão que comercializam material de construção.

Mário Bettiol, 52 anos, mora em Criciúma e tem uma casa de veraneio no Balneário de Rincão. "Fiquei escutando as notícias do ciclone pelo rádio e estava apreensivo para vir até aqui ver como estava a minha casa. Assim que amanheceu vim correndo, e vi que o telhado estava quase todo no chão. Muita coisa molhou lá dentro, mas agradeço por não estar aqui com minha família na hora da ventania", disse.

Muita gente decidiu procurar abrigo em outros locais, saindo de casa ainda de madrugada, enfrentando a chuva e o vento.

Marilizia Rizzon pediu para seu irmão levar as crianças para Criciúma e ficou na casa, com medo de que roubassem tudo o que ela possui na residência. "Fiquei a madrugada inteira encalhada em cima da cama, com uma vela na mão, rezando e pedindo a Deus que aquele ciclone

fosse embora de uma vez", relembra.

Alheio a toda a movimentação ao seu redor e ao trabalho dos pais para retirar a água de dentro de casa, o garotinho Gustavo Medeiros Paes, de dois anos, passou a tarde, ontem, brincando na água empoçada no pátio.

Curiosos saem às ruas para ver os estragos

Quem não teve sua casa atingida pelo ciclone aproveitou o domingo para matar a curiosidade e ver os estragos do fenômeno nas cidades do Sul. O movimento na BR-101 e nas estradas vicinais foi constante. "A gente nunca viu um ciclone, e queria saber o que ele é capaz de fazer", comentou Maria Antônia Possebom, que passeava de carro pelas ruas estreitas, esburacadas e alagadas do Balneário Rincão ontem à tarde.

A solidariedade, característica de momentos difíceis como este, também se fez presente. Zeferino dos Santos abrigou em sua casa, durante a noite de terror, um casal de vizinhos e suas duas crianças, cuja casa foi totalmente destelhada. "Nessa hora, a gente tem mais que se unir", comenta.



BETIOL: Trabalho duro para recuperar o telhado

A tensão de ver a tragédia se aproximar

No sábado, sabia-se que Santa Catarina e Rio Grande do Sul estavam à mercê de uma tragédia de proporções inimagináveis para o Brasil.

Desde sexta, o Climerh trabalhou em plantão, esquema tenso e concentrado só ocorrido em 1983, durante a enchente em Blumenau, e em 2003, quando uma explosão deixou a Ilha sem luz.

Segundo o oceanógrafo Carlos Araújo, um furacão se alimenta de calor. Isso o atraiu para a Corrente Brasil. Especulava-se, sábado de manhã, que o furacão poderia sair do trilho da corrente e se direcionar para a terra, no Sul catarinense.

Deste raciocínio saíram duas suposições: a primeira, positiva, é que ele perderia força ao se afastar do calor da corrente. A segunda, negativa, é que o calor em terra poderia realimentá-lo, deixá-lo mais forte e liberar seu caminho nas cidades litorâneas.

A desgraça, vista desde a previsão, sexta-feira

A chegada do garoto Tiago, de dois anos, nas salas do Centro Integrado de Meteorologia (Climerh), na Capital, aliviou um pouco a tensão que pairava, na manhã de sábado, entre os meteorologistas responsáveis por avaliar o potencial destrutivo do que ainda se considerava o Furacão Catarina.

Tiago é filho de uma das funcionárias do Climerh, chamada Gilsânia, que levou o marido, o oceanógrafo Carlos Araújo, para ajudar os meteorologistas que estudavam o fenômeno em profundidade desde a sexta-feira. Toda a ajuda era bem-vinda, porque ninguém tinha analisado tão de perto um fato desta magnitude. Dizia-se que fenômenos assim eram inéditos na costa Sul.

Por causa da falta de experiência brasileira, a classificação de furacão foi feita pela National Oceanic and Atmospheric Administration (Noaa), um escri-

tório ligado à Nasa e localizado na Flórida, região dos Estados Unidos rotineiramente assolada por fenômenos desta natureza. Tratavam-no, sábado, como furacão da menor escala, com ventos de até 153 quilômetros por hora (veja box).

Só se sabia o pior: ele se aproximava do Sul

Carlos Araújo, o oceanógrafo pai de Tiago, percebeu, antes do final de semana, que o furacão, chamado de sistema de baixa pressão e de ciclone extratropical, se acoplaria a uma corrente marítima denominada Brasil. Esta corrente é quente e quase paralela ao Litoral, no sentido Nordeste-Sul.

Por isso, só se sabia, sábado, que o maior risco estava na parte Sul de Santa Catarina e na parte do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Nessas regiões, o Catarina convergia com a costa e chegaria às cidades localizadas entre Araranguá e Torres

(RS), podendo causar destruição em massa. No sábado, isto era especulação.

Antes de Tiago ter circulado pelos braços da meia dúzia de meteorologistas no Climerh, o clima voltou a ficar tenso. Foi quando soube-se que um navio da Marinha teria registrado, em alto-mar, ventos de 170 quilômetros por hora.

As conversas entre os meteorologistas eram raras. Estavam todos ao telefone, explicando à população o que ninguém sabia ao certo. Com a barba por fazer, o meteorologista Maurici Monteiro, que teria um churrasco na praia, pretendia, antes do meio-dia de sábado, pedir auxílio à Base Aérea para monitorar o furacão do ar.

Foi quando avaliou-se que o pior ainda estava por vir: o núcleo do furacão se aproximou a 300 quilômetros da costa catarinense, sua área de impacto ficou a 200 quilômetros e ele seguia para o Sul do Estado.

Como são eles

Classificação dos furacões, segundo a força de seus ventos

- **Categoria 1** - Ventos de 119 quilômetros por hora a 153 km/h
- **Categoria 2** - Ventos de 154 quilômetros por hora a 177 km/h
- **Categoria 3** - Ventos de 178 quilômetros por hora a 209 km/h
- **Categoria 4** - Ventos de 210 quilômetros por hora a 249 km/h
- **Categoria 5** - Mais de 249 km/h

Fonte: National Oceanic and Atmospheric Administration

Expediente

Textos: Ângela Bastos, Cristiano Rigo Dalcin, Guarany Pacheco, Jeferson Bertolini, João Cavallazzi, Karla Santos, Márcio Miranda Alves, Patricia Rodrigues, Ricardo Ruas, Vanessa Feltrin e Viviane Bevilacqua

Edição: Beth Nogueira, Celso Bevilacqua, Geraldo De Cesaro, Guarany Pacheco e Hermes Lorenzon

Diagramação: Cristiane Severino, Cristina Assumpção, Luiz Fernando Ferrary e Jônatas Kosmann

Veja mais sobre o ciclone em www.clicrbs.com.br



Entenda o que ocorreu

Catarina, ciclone ou furacão?

Ventos que atingiram 150 km/h causaram destruição na costa do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina:

SC

RS



● Como se formou

– O fenômeno começou a ser observado na sexta-feira, no Oceano Atlântico, quando estava a 480 quilômetros do litoral catarinense. O ciclone se formou a partir de uma frente fria comum que cruzou o mar da região no início da semana, seguindo em direção à Bahia. Como era intensa, a frente fria acentuou a circulação da atmosfera, formando um redemoinho que deu origem ao ciclone. Esse tipo de formação é comum na região. Geralmente, ela causa agitação em alto-mar. Quando fica mais próximo da costa, provoca temporais no continente e ressaca marítima.

Espirais de vento seco giram em torno do centro

800 quilômetros
CENTRO

● O que era previsto

– Num primeiro momento, o fenômeno não despertou maior preocupação, pois nesta época do ano é comum a formação de ciclones extratropicais sobre a costa brasileira. – A maioria deles morre antes de chegar à terra, provocando apenas agitação marítima, porque a temperatura da água no Sul é insuficiente para gerar energia para o seu deslocamento. Na costa dos Estados Unidos, onde furacões são comuns, a temperatura média é de 28°C. Aqui, a temperatura média é de 24°C. Como a água é mais fria, geralmente não produz vapor e umidade suficientes para gerar a energia necessária para alimentar o ciclone. – Baseado nesse padrão, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) previa somente ventos moderados e chuva entre fraca e moderada na região.

● Ainda há riscos

– Durante a manhã de ontem, foi observado o declínio da força do ciclone. A tendência é de que hoje se dissipe completamente porque, à medida que avança, o sistema perde força. Isso porque sua fonte de energia é o vapor marítimo. Quanto mais distante do oceano, menos força tem. – Nos próximos dias, as áreas atingidas devem ter instabilidade, com chuvas e ventos fortes. Devido ao comportamento anômalo, não está descartada a revitalização do ciclone.

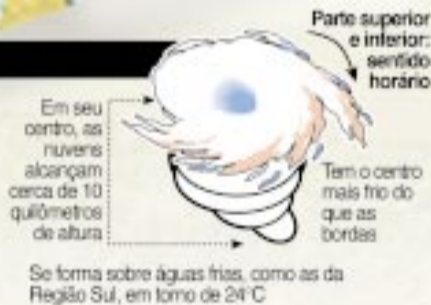
● Por que foi diferente

– Por algum motivo ainda desconhecido, o ciclone acabou apresentando um comportamento anômalo, ganhando força e atingindo uma extensão de 800 quilômetros. – Em vez de se deslocar no sentido Oeste-Leste, perdendo-se no oceano, como normalmente acontece, o ciclone se moveu em sentido contrário, avançando sobre a costa. – Meteorologistas argumentam que não há como prever esse comportamento com antecedência.

● As diferenças

Ciclone extratropical

Típico do Atlântico Sul, é uma tempestade produzida por massas de ar frio que se deslocam em movimentos circulares e em velocidades crescentes. Provoca pancadas de chuva e ventos que podem superar 100 km/h. Nesta época do ano, são comuns sobre a costa brasileira.



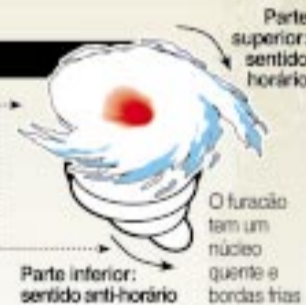
Furacão

Furacões são ciclones de áreas tropicais, produzidos por massas de ar quente, que variam entre 118 km/h e mais de 300 km/h. Os ventos que atingem o litoral gaúcho e o litoral catarinense atingiram 150 km/h.

Os furacões têm um olho, um espaço aberto, de ar seco e sem nuvens, no seu centro.

As nuvens nas proximidades do centro do furacão são cúmulonimbus, ou seja, nuvens de tempestade que chegam a atingir 15 ou mais quilômetros de altura.

Um furacão se forma sobre águas quentes, em torno de 28°C.



Os furacões acontecem em latitudes altas, por isso são chamados ciclones tropicais. No Oceano Atlântico, tradicionalmente se formam perto da costa da África, na região do Equador, e se movimentam sempre em direção ao Caribe, à América Central e ao sul e ao oeste dos Estados Unidos, causando enorme destruição.

Tufão

Nome atribuído a um ciclone tropical com ventos contínuos de 118 km/h ou mais e que costuma acontecer no oeste do Oceano Pacífico Norte. Recebe o nome de furacão no leste do Pacífico Norte e no norte do Oceano Atlântico e é chamado de ciclone no Oceano Índico.

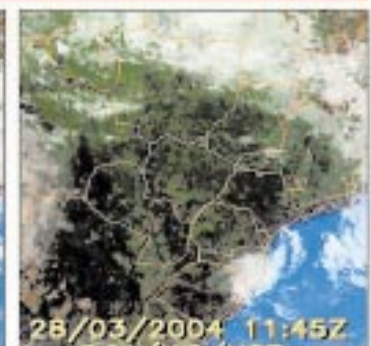
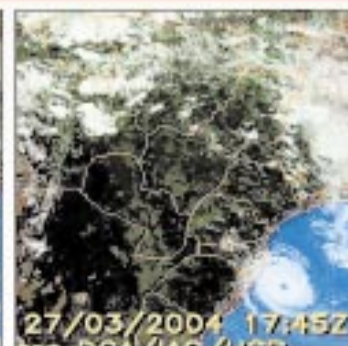
Tornado

É a mais destrutiva de todas as tempestades na escala de classificação dos fenômenos atmosféricos. Pode acontecer em qualquer parte do mundo, mas é mais frequente nos Estados Unidos. Atinge até 490 km/h de velocidade no centro do cone. Produz fortes redemoinhos e eleva poeira. Caracteriza-se como uma coluna giratória e violenta de ar.

Fenômenos pelo mundo



A chegada do "Catarina"



Fontes: meteorologista Luiz Cavalcanti, do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), Gustavo Escobar, do Centro Nacional de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), Dália Vainilo, coordenadora da Central de Meteorologia, meteorologista Fábio Marone e Céa Kuhn, do Centro de Meteorologia.